



Sábado

01-03-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Diversos

Dimensão: 7835 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/36 a 46

GRÁTIS HISTÓRIA DO SÉC. XX
SEGUNDO LIVRO DA COLEÇÃO TIME



SÁBADO

www.sabado.pt N.º 722 - SEMANAL - 1 A 7 DE MARÇO DE 2018 - €3,20 (CONT.)



EXCLUSIVO

SEXO, DINHEIRO E MAÇONARIA

TODOS OS SEGREDOS DA CAPTURA DO ESPIÃO DO SIS

• As vigilâncias da PJ às reuniões maçónicas • As imagens da prisão em Itália e do agente secreto russo • Os documentos da NATO e do SIS • As guerras na investigação

Seguindo o apelo do presidente Bruno de Carvalho
PASSAMOS UMA SEMANA INTEIRA A VER A SPORTING TV E...

Entrevista com a ex-ministra Paula Teixeira da Cruz
"PASSOS COELHO SERÁ UM BOM CANDIDATO A PRESIDENTE"



00722
5 607722 033832

Sábado

01-03-2018

Periodicidade: Semanal
 Classe: Informação Geral
 Âmbito: Nacional
 Tiragem: 116250

Temática: Diversos
 Dimensão: 7835 cm²
 Imagem: S/Cor
 Página (s): 1/36 a 46

destaque

Roma, Itália
de Maio
de 2016



O encontro
 O espião russo e o português cumprimentaram-se às 12h40 na Via Carlo Porta, em Roma



O caminho
 Os dois homens percorreram depois a Viale di Trastevere até entrarem no Number One Caffè



A conversa
 Dentro do café, sentaram-se numa mesa e falaram com mais calma. A polícia italiana fotografou tudo e depois deteve-os




Sábado

01-03-2018

Periodicidade: Semanal
 Classe: Informação Geral
 Âmbito: Nacional
 Tiragem: 116250

Temática: Diversos
 Dimensão: 7835 cm²
 Imagem: S/Cor
 Página (s): 1/36 a 46

INVESTIGAÇÃO. ESPÍÃO PAGOU AS QUOTAS DO DIRECTOR DO SIS NA MAÇONARIA

OPERAÇÃO TOP SECRET REVELADA

Quis ser julgado por um júri e à porta aberta, mas o tribunal não deixou. Os juízes deram como provado que o espião do SIS Carvalhão Gil colaborou com a secreta russa, mas deitaram por terra que o fazia há anos. E mandaram devolver a quase totalidade do dinheiro que lhe foi apreendido. Os 13 volumes do processo mostram mais: a falta de segurança do SIS, o rosto do agente russo e o encontro fotografado em Itália. Por António José Vilela

37

Destaque

O processo que visa Frederico Carvalho Gil, um espião veterano do Serviço de Informações de Segurança (SIS), é um caso que fica para a história da justiça portuguesa. Foi quase tudo feito à porta fechada e com um recurso de contestação do espião pendente no Tribunal da Relação de Lisboa – a decisão não foi tomada até ao fim do julgamento que decorreu entre Novembro de 2017 e Fevereiro de 2018. Apesar de condenado a uma pena de 7 anos e 4 meses de cadeia pelos crimes de espionagem e corrupção passiva para acto ilícito, o espião viu cair em julgamento uma boa parte das suspeitas que a Polícia Judiciária (PJ) e o Ministério Público (MP) lhe apontaram ao longo das mais de 4 mil páginas do expediente principal do inquérito. Quais? Que Carvalho Gil seria uma toupeira ou agente duplo da secreta russa há vários anos. Afinal, não era bem assim.

Ainda em prisão domiciliária, o espião foi em parte condenado por ter entregado um documento manuscrito ao agente russo Sergey Pozdnyakov (actualmente em parte incerta depois de libertado em Itália) com a identidade e outros dados do actual director adjunto do SIS, Gil Vicente, informações que já foram tornadas públicas há vários anos, inclusive pelo próprio. Mas que o tribunal considerou tratar-se de um crime. As histórias do processo contam-se de seguida. E são muitas: inclusive do advogado do espião, José Preto, que chegou a pedir ao tribunal que mandasse a polícia escutar vários dirigentes do SIS se estes recusassem testemunhar.

A MAÇONARIA

ALOJA DO ESPÍAO E DO DIRECTOR DO SIS

Durante meses foi assim: o espião Frederico Carvalho Gil, especialista em contraterrorismo e contra-espionagem, esteve sob vigilância apertada até à sua detenção, em Maio de 2016, por suspeita de vender segredos aos serviços secretos russos. Sujeito a escutas telefónicas, filmado e fotografado às escondidas, com o segredo bancário quebrado (dele e das filhas, da mulher, da ex-mulher, dos irmãos e até da mãe) e alvo de varrimentos electrónicos da Judicária (uma prática antiga da PJ, destinada a detectar os vários telemóveis e que começa a aparecer de forma legal nos processos), o agente do SIS foi também seguido discretamente por operacionais da Unidade Nacional Contra Terrorismo (UNCT).

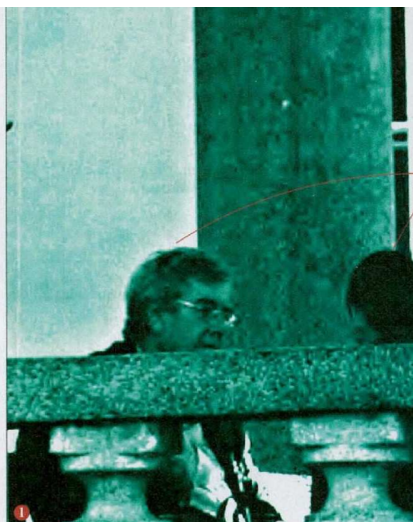
Os relatos dessas vigilâncias ficaram quase todos registados no processo-crime, juntamente com algumas particularidades do perfil do espião que a PJ anotou logo no início da operação sigilosa que arrancou em Novembro de 2015: “Carvalho Gil é maçom e irmão na loja Delta [nesta altura, já estava na loja Romã] que integra o Grande Oriente Lusitano (GOL)”, a mais antiga corrente maçónica portuguesa. Ou seja, até a ligação à maçonaria foi seguida, conforme também consta no relatório final de 211 páginas da investigação feita pela Judicária.

O documento revela que as equipas de vigilância terão seguido o espião quando este foi aos templos do GOL, em Lisboa – “No âmbito desta sua actividade maçónica, Fre-

1 O encontro na Eslovénia entre Carvalho Gil e o espião russo Sergey Pozdnyakov. Os serviços secretos locais mandaram a foto ao SIS

2 A investigação da PJ apreendeu fotos como esta que o espião português tinha no telemóvel

3 O espião numa carreira de tiro também consta no processo investigado pelo Ministério Público



“CARVALHÃO GIL É MAÇON E IRMÃO NA LOJA DELTA”, ESCRVEU A JUDICIÁRIA





O agente russo

Sergey Nicolaevich Podznyakov tem 48 anos, é natural de Moscovo e especialista em gestão de fontes



O espião do SIS

Frederico Carvalhão Gil tem 58 anos, nasceu na aldeia do Souto, na Covilhã. Foi professor e é licenciado em Filosofia

derico Gil deslocou-se com regularidade aos encontros/reuniões da loja Delta, realizados habitualmente na zona do Bairro Alto." A PJ acrescentou no relatório que o espião frequentava também a Associação 25 de Abril (fica nas imediações da sede do GOL e tem muitos membros ligados à maçonaria) "onde se encontrava com pessoas conhecidas e onde por vezes tomava refeições".

Meses depois, quando foi detido em Itália e lhe vasculharam os dois apartamentos onde vivia em Portugal, a PJ apreendeu-lhe centenas de documentos confidenciais e um sem-fim de anotações soltas, vários telemóveis, pens, computadores e CDs. Entre estes últimos estava um que foi identificado desta forma no auto de apreensão: "Rito francês cultura maçónica." Trata-se de um ritual usado em algumas lojas da maçonaria, por exemplo, na Delta.

Este pormenor consta nos registos oficiais da busca, realizada ao sexto andar de um prédio no Lumiar, onde Carvalhão Gil se encontra em prisão domiciliária. O MP esteve naturalmente preocupado em deslindar os alegados crimes de espionagem, violação de segredos de Estado e de corrupção que o espião teria cometido, mas é um facto que a ligação à maçonaria voltou a intrigar os inspectores no momento das buscas.

O mistério chamado "Adélio Torres"

A curiosidade sobre os maçons não foi mais longe na investigação oficial da Judicária, mas ficaram alguns dados registados nos 13 volumes do processo e nas declarações em julgamento que permitem voltar à intrincada teia de relações maçónicas. Por exemplo, um dos nomes que constava no manuscrito, entregue em Itália por Carvalhão Gil ao alegado agente russo era o do empresário Alberto Toscano (alcunhado Conde de Neiva), que fez parte da loja maçónica Delta. No julgamento, o espião disse apenas aos juizes que Toscano era um amigo que poderia vir a investir em negócios com o russo (uma tese que o tribunal não aceitou) e indicou outro nome que poderia confirmar tudo aquilo, o coronel Filipe Frade, que não testemunhou porque, entretanto, morreu.

Segundo contou o espião aos juizes, o antigo militar seria um dos supostos intermediários que o iriam ajudar a comprar azeite para depois o entregar ao sócio Sergey, que o revenderia na Rússia. Só faltou dizer aos juizes que Filipe Frade foi ex-candidato a grão-mestre do GOL e também membro da loja Delta. Uma loja maçónica que esteve prestes a receber o actual director do SIS, Adélio Neiva da Cruz, o responsável que mandou denunciar Carvalhão ao MP. No depoimento que prestou em tribunal, a 13 de Dezembro de 2017, o responsável máximo do SIS contou só parte da verdade no que diz respeito à ligação e aos contactos pessoais que manteve com Carvalhão Gil fora dos serviços secretos.

José Preto (JP): "Há quanto tempo conhece o dr. Carvalhão Gil?"

Neiva da Cruz (NC): "Finais de [19]87 ou princípios de [19]88."

JP: "Manteve contactos estritamente pessoais, perdão estritamente profissionais, sempre, ou também manteve contactos pessoais?"

NC: "Acho que as duas coisas."

JP: "As duas coisas... Esteve sempre em posição hierárquica [superior] em relação ao dr. Carvalhão Gil ou também houve momentos em que foi colega simplesmente?"

NC: "Houve momentos em que fomos colegas, no início das carreiras."

JP: "Como dirigente, como alguém que tem a incumbência da avaliação de homens e como dirigente do dr. Carvalhão Gil, é compatível com a conduta de que é suspeito? Um homem dúplice?"

NC: "A partir do momento em que tomei conhecimento da situação que ocorreu... [alerta dos serviços secretos da Eslovénia sobre um encontro entre Carvalhão Gil e Sergey Pozdnyakov, em Ljubljana, a 7 de Novembro de 2015]."

JP: "O que estou a perguntar é se o que conhece, independentemente disto, do dr. Carvalhão Gil, é compatível com esta suspeita? Era um homem dúplice aos seus olhos, era um homem..."

Juiza-presidente Alexandra Veiga: "Foi uma surpresa para si a actuação, não foi?"

NC: "O caso concreto, sim [...]. Eu estive ausente do serviço, do SIS, de 2003 a 2013." [Esteve nesse período no SIED, a secreta externa, onde liderou o departamento operacional e depois esteve colocado em Espanhal.

JP: "Durante esses 10 anos não teve contacto com o arguido?"

NC: "Tive contacto com o arguido... contacto esporádico, no resto do tempo. Não sou superior hierárquico dele, portanto, não tinha autoridade sobre ele, nem permissão para avaliar o comportamento ou o carácter dele."

Profissionalmente, talvez não. Mas pessoalmente, sim. Durante muitos anos, os dois homens foram amigos e pertenceram até à mesma loja maçónica, a Europa, instalada de forma muito discreta, em 2009, num templo de Lisboa. Nessa altura, segundo os documentos internos da maçonaria a que a **SÁBADO** teve acesso, o GOL tinha 1.900 irmãos repartidos pelas seguintes categorias: 1.400 mestres, 200 companheiros e 300 aprendizes. Os ma-

O PROCESSO TEM MAIS DE 4 MIL PÁGINAS E DEZENAS DE APENSOS. UM DELES COM INFORMAÇÃO SECRETA

Sábado

01-03-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Diversos

Dimensão: 7835 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/36 a 46

ções estavam em 76 lojas e a Europa era uma das mais promissoras, pois congregava jornalistas, espíões, políticas, militares, políticos e universitários. Entre eles, e além de Neiva da Cruz e Carvalhão Gil, estavam lá os maiores-generais Dias Coimbra e Agostinho Dias da Costa, e o coronel Manuel Esperança, um ex-operacional do SIED que chegou a estar colocado na Guiné-Bissau.

O actual director do SIS chegou a estar proposto para ser iniciado nos rituais da maçonaria na Loja Delta, nº 4 e Carvalhão Gil seria o seu proponente e padrinho. Mas uma doença cardíaca afastou-o durante um tempo dos templos e isso acabou por adiar também a entrada de Neiva, cuja iniciação viria a ocorrer mais tarde, já na Loja Liberdade Livre. Depois, transitou para a Europa, onde Carvalhão lhe chegou a pagar três meses de cativações (uma espécie de quotas). Quando a Unidade de Informação Financeira e Contabilística (UIF) da PJ concluiu a 27 de Junho de 2016 a pormenorizada análise financeira às contas bancárias do espião Carvalhão Gil e da família, ficou registado no relatório pericial um dado aparentemente sem grande significado: uma transferência de 75 euros que entrou em Janeiro de 2010 na conta da CGD de Carvalhão Gil. A origem? Adélio Torres. Num dos quadros em que assinalaram aquele valor, o director da UIF Egidio Cardoso e o especialista António Vasconcelos acrescentaram ao nome acima citado um ponto de interrogação. Tratava-se de Adélio Torres Neiva da Cruz e do pagamento de contas maçónicas ao amigo.

A Loja Europa encerrou em 2013 (na maçonaria, diz-se abater colunas) depois de uma guerra interna e uma última sessão que acabou com vários maçons quase a agredirem-se. A principal razão da incompatibilidade: o futuro da loja, que alguns queriam que seguisse, segundo uma fonte da maçonaria contou a SÁBADO, "uma espécie de lógica da P2", a célebre loja italiana que antes de ser desmantelada conspirou para assumir o controlo de sectores como a justiça, o exército, o parlamento e a imprensa. Uma espécie de governo-sombra de Itália. Exagerada ou não a comparação, a Europa desfez-se e provocou um esfriar das relações entre os dois espíões. Neiva ingressou na nova Loja Europa Jean Monnet (com fortes ligações à Guiné-Bissau) e Carvalhão transitou para a Romã, a loja que integrava quando foi vigiado pela PJ e onde encontrou muitos ex-membros da loja Delta.

A TOUPEIRA

AS REGRAS DA NATO SOBRE ESPÍÕES RUSSOS

As três páginas escritas pelo secretário-geral do Sistema de Informações da República Portuguesa, Júlio Pereira, entraram a 10 de Novembro de 2015 no gabinete de Amadeu Guerra, o director do Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP). No documento, Júlio Pereira informou o procurador-geral adjunto (já com autorização do primeiro-ministro António Costa, que desclassificara aquela documentação) que o espião Frederico Carvalhão Gil teria "sido recrutado" em data não apurada, mas "anterior a 2010" por "agentes do SVR (serviço externo da Federação Russa)". Nessa altura, não



Carvalhão Gil fotografado no ano passado, quando esteve a ser julgado no Campus de Justiça, em Lisboa

Sábado

01-03-2018

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 116250

Temática: Diversos
Dimensão: 7835 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/36 a 46

As frases do advogado

Antes de chegar a julgamento, José Preto foi muito contundente nos recursos

"As órbitas políticas de Dias Loureiro não podem fazer bem à direcção de um serviço de informações e segurança, essa é a crua verdade; e as de António Vitorino também não" (6 de Junho de 2016)

"O que interessa saber em todas as circunstâncias é que - reportem-se os juristas ao positivismo ou ao jusnaturalismo - há, como o ensinou Weber, três tipos de jurista: o das proibições, o das liberdades e o idiota das minutas" (7 de Julho de 2016)

"Ora, porque o nada não é alguma coisa mas coisa alguma, não pode o nada complexificar-se. Alguma coisa pode - dependendo da coisa que seja - ser complicada, parecer complicada, tornar-se complicada. Mas não o nada que não é sequer o zero, porque o zero é um ser de razão... O nada é simples ausência, completo vazio, nenhuma coisa" (14 de Dezembro de 2016)

"O longo e fastidioso texto que espalha ao longo de mais de 90 páginas as vacuidades, imaginações, preconceitos e insinuações de natureza moral" (6 de Julho de 2017)

referiu o nome do russo suspeito: Sergey Pozdnyakov.

A participação referia que o SIS tinha sido avisado há apenas um dia por um serviço secreto estrangeiro que Júlio Pereira recusou na altura revelar (depois fê-lo indicando a secreta da Eslovénia, a SOVA). Pouco claro em pormenores, o documento dizia que a relação de Carvalho com os serviços russos tinha sido quebrada, mas depois reatada no início de 2011 após o espião alegadamente ter enviado uma carta à embaixada da Rússia, em Portugal. Também sucintamente, foram comunicados outros alegados encontros suspeitos: um ocorrido em Abril de 2011, e outro, em Junho do mesmo ano, em Marrocos. Até 2013, tinham-se seguido contactos na Eslováquia, Itália e Suíça.

Depois de indicar dois telemóveis e um *email* que seriam usados por Carvalho Gil - e de identificar duas moradas conhecidas do espião, em Lisboa e Sintra -, Júlio Pereira reportou que o agente do SIS costumava fotografar colegas, dando a entender que venderia as fotos. Revelou também que Carvalho tinha acesso a "informação muito sensível" e que, três dias antes, tinha viajado de avião para Itália, de onde apanhara um autocarro para a Eslovénia. O objectivo: encontrar-se num café de Ljubljana com um oficial do SVR a "quem terá entregado uma *pen*". A conclusão mais plausível veio logo de seguida:

A NATO ENVIÓU À POLÍCIA JUDICIÁRIA INFORMAÇÕES SOBRE A FORMA DE ACTUAÇÃO DA SECRETA DA RÚSSIA

O chefe

O secretário-geral do Sistema de Informações da República, Júlio Pereira, depôs no processo. Mas fê-lo por escrito

O segredo

A 18 de Outubro de 2016, dois elementos da PJ foram à sede do SIS. O objectivo: uma "visita à sala" onde trabalhava o espião

O ESPIÃO CARVALHÃO GIL PAGOU 75 EUROS DE QUOTAS DA MAÇONARIA DO ACTUAL DIRECTOR DO SIS

"Os factos reportados ao SIS, no que respeita à alegada conduta de Carvalho Gil, enquadram-se no *modus operandi* normal, associado ao relacionamento com oficiais dos serviços da Federação Russa."

Uma boa parte desta informação (por exemplo, a venda de fotos de colegas espíões, a entrega da *pen* na Eslovénia e as viagens para se encontrar com agentes russos) não seria provada no julgamento que terminou este ano. Mas serviu para Amadeu Guerra abrir o inquérito e comunicar o caso no mesmo dia (e a vontade de ser o DCIAP a investigá-lo) à procuradora-geral da República, Joana Marques Vidal, que concordou. O processo - crime por suspeita de espionagem, corrupção e violação de segredo de Estado foi distribuído aos procuradores João Melo e Vítor Magalhães, com normas de segurança escritas por Amadeu Guerra: os pormenores do processo não seriam registados no sistema informático (Habilus/Citius); o inquérito ficaria guardado em armário fechado e só circularia em envelope selado, e em mão, entre o MP, a PJ e o juiz de instrução. No Tribunal Central de Instrução Criminal (TCIC), o juiz Ivo Rosa decidiu que só ele poderia abrir os envelopes lacrados e que o inquérito ficaria fechado num cofre, confiado apenas a dois funcionários.

Depois de uma reunião do MP com o director da UNCC, Luís Neves, ficaram definidas outras regras ainda mais apertadas. Toda a informação que se suspeitasse ser segredo de Estado tinha de ser guardada em envelope lacrado e comunicada aos serviços secretos. Por segurança, a PJ assumiu também algumas funções burocráticas como a tradução e a entrega em mãos, "a pessoa da máxima confiança" das embaixadas dos EUA e do Canadá, de várias cartas rogatórias. Aliás, sem grandes resultados porque os dados solicitados (sobretudo o conteúdo de alegados *emails* usados pelo espião e registados na Google, Yahoo, Hush Communications e Amazon Technologies) nunca foram enviados aos investigadores portugueses. O mesmo se passou com pedidos de colaboração internacional remetidos para a Alemanha (I&I Internet SE), Espanha, Eslovénia, Chipre, Suíça e República Checa.

Os bares de alterne e as portas abertas do SIS

As escutas telefónicas ao espião foram iniciadas a 27 de Novembro de 2015 e mantidas até cerca de dois meses após a sua detenção, em Maio de 2016. Várias equipas da PJ seguiram-no dia e noite. Queriam saber quando tinha ido ao estrangeiro, e sobretudo quando iria outra vez, por isso registaram encontros pessoais, viagens de família e até a frequência de "espaços de diversão nocturna" como bares de *strip*. Os nomes desses espaços ficaram registados nos relatórios da PJ - mas essa informação não era novidade para vários espíões e (ex-)dirigentes do SIS.

Fontes dos serviços de informações referiram à SÁBADO o nome de espíões que também costumavam participar nas noites de diversão que Carvalho Gil nunca escolheu. Nos relatórios da PJ só é feita referência ao nome de Carvalho Gil, mas durante anos o espião foi visto e até filmado (juntamente com outros, como o responsável que manda há anos na segurança do SIS) a pagar bebidas, *table dances* e privados em bares de *strip* e de alterne



Júlio Pereira
 O magistrado do Ministério Público esteve mais de 10 anos à frente dos serviços secretos portugueses

como o Cotton Club, o Cats Club, o Maybe e o Nina. Para a PJ e o MP, estas informações sobre o estilo de vida do espião foram fundamentais, juntamente com uma alegada falta de dinheiro (o director e o subdirector do SIS, Neiva da Cruz e Gil Vicente, testemunharam que o espião tinha problemas financeiros que o levaram a ter o ordenado penhorado e a viver numa pensão), para ajudar a construir a teoria de que Carvalhão Gil teria recebido inúmeros pagamentos da secreta russa ao longo dos anos. Dinheiro que depositaria amiúde nas contas bancárias e que guardava em casa em envelopes. Suspeitas que caíram em julgamento por falta de provas, conforme revela o acórdão de 103 páginas a que a **SÁBADO** acedeu. A 8 de Fevereiro, o tribunal ordenou que fossem entregues ao espião os 36.400 euros que lhe foram apreendidos nas buscas aos dois apartamentos. Carvalhão sempre insistiu que se tratava de poupanças que tinha em casa, vincando que nem sequer era "uma grande poupança".

O colectivo de juízes aceitou esta versão e o mesmo se passou em relação à justificação que o espião deu para as dezenas de documentos que a PJ lhe apreendeu. Disse que era desorganizado e que, como muitos colegas do SIS, levava trabalho para casa. Que uma coisa eram as regras e outra a prática nos serviços. Deu até exemplos de uma alegada permissividade na segurança das secretas, dizendo que nunca tinha sido revistado em 28 anos e que a sede do SIS ficava várias vezes com as "portas abertas".

Os juízes ainda ponderaram a questão da violação de segredo de Estado por negligência, mas arquivaram a suspeita. Para ilibar o espião, o tribunal utilizou um argumento insólito: "Ora dos factos tidos como assentes apenas se pode afirmar que o arguido tinha estes documentos na sua residência nas condições descritas. Diferente seria se tivesse sido alegado ou provado que várias pessoas frequentavam as suas residências, iam ao seu quarto ou que tinham qualquer proximidade com os referidos documentos em termos de afirmar que foi criado um perigo concreto para a violação do segredo."

Na prática, para o tribunal, não ficou provado que as filhas, familiares (inclusive a mãe) e amigos frequentassem as residências de Carvalhão Gil. Ou sequer que uma amiga georgiana vivesse no apartamento de Sintra, conforme foi detectado pela PJ durante as buscas. Mas a decisão não foi unânime: o juiz Rui Coelho votou vencido. No seu entender, Carvalhão Gil teria de ser condenado a mais 6 meses de prisão (elevaria a pena total em apenas 2 meses devido à acumulação de crimes) porque tinha responsabilidades acrescidas ao lidar com dados confidenciais.

O espião fora o representante do SIS na Unidade de Coordenação Antiterrorismo (UCAT) e representou a secreta portuguesa em vários exercícios anuais de gestão de crises da NATO – o CMX. Quando foi preso, tinha com ele,



35 viagens
 foram analisadas pela PJ e 16 eram suspeitas de contactos com espões russos. Isso não foi provado em tribunal

Neiva da Cruz
 É um dos homens de confiança de Júlio Pereira. Esteve na secreta externa e foi antena em Espanha

O político
 Carvalhão Gil tinha uma foto de um antigo colega espião do SIS, que voltou à política como candidato a eleições pelo CDS

O ESPÃO IN-SISTIU SEMPRE QUE O DINHEIRO QUE TINHA EM CASA ERAM AS SUAS POU-PANÇAS

ou em casa, vários documentos classificados. A PJ registou tudo, por exemplo, 19 fotocópias, entre elas 5 folhas em inglês, com a parte inferior rasgada, e "aparentemente classificadas NATO Confidential". Tratava-se de dados relacionados com ciberataques e segurança energética. Temas: "challenges risks and threats to the NATO members states energy security"; "terrorist and Piracy threats to critical energy flows"; "cyber attacks against critical energy infrastructure"; "stability of NATO suppliers and transit countries"; e "economic risks for NATO energy flows".

Encontrou ainda 17 folhas da UCAT e muitos outros documentos espalhados em mochilas e caixas de plástico, no chão, em cima de um roupeiro ou em outros móveis. 11 folhas com listagens de identificação de funcionários do SIS; duas com a lista de contactos dos oficiais de informações do SIS; sets de documentação NATO Confidential; sete com a inscrição "NATO Secret Limited"; um relatório "Secret", em inglês (cinco folhas); oito folhas do SIS sobre a caracterização da ameaça islâmica; e 18 referentes ao "Crisis Management Exercise 2015", o exercício estratégico da NATO em que participaram elementos das Forças Armadas, SIS, SIED e dos ministérios da Defesa, Administração Interna e Negócios Estrangeiros. Boa parte dos documentos, se não a totalidade, foi selada em dois volumes – o Apenso F. E o seu conteúdo nem foi mostrado aos juizes que julgaram o caso.

Os (des)encontros do SIS com a secreta russa
 Mas houve informação que acabou por ser desclassificada. Com o decorrer da investigação, e após várias solici-

Sábado

01-03-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

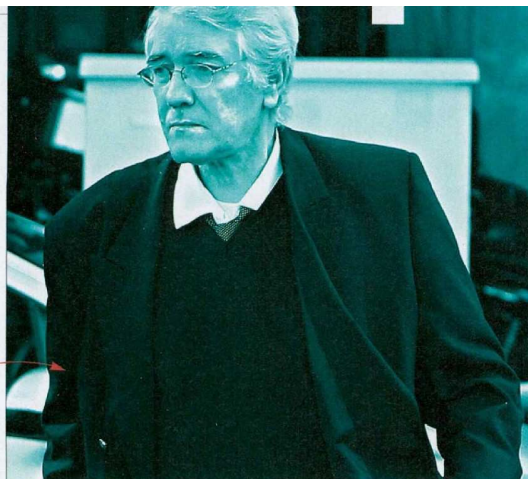
Tiragem: 116250

Temática: Diversos

Dimensão: 7835 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/36 a 46



Carvalhão Gil

Entrou em 1987 no SIS, no segundo curso de formação, e trabalhou com Neiva da Cruz. Este denunciou-o em 2015 às autoridades

tações formais da PJ, o director do SIS, Neiva da Cruz, pediu a António Costa que autorizasse que mais informação pudesse ser remetida à Judiciária. O primeiro-ministro concordou e os dados da secreta foram copiados quase na íntegra pela UNCC, umas vezes citando o SIS nos relatórios, outras não. O mesmo foi feito em relação à informação que o inspector da Judiciária titular da investigação, Pedro Camarinha, solicitou ao Departamento de Segurança da NATO, com sede em Bruxelas, na Bélgica. Em Novembro de 2016, a NATO enviou vários documentos "não classificados", concordando que fossem juntos ao inquérito. Num deles dizia que caso se comprovasse que Carvalhão Gil tivesse passado aos serviços secretos russos informação classificada da NATO, isso seria "especialmente perigoso para a Aliança".

A informação alertava também que os casos de espionagem do género não eram muito comuns, mas lembrava que tinham sucedido nos últimos anos pelo menos três situações de "grande visibilidade": os casos dos espíões Herman Simm (estónio e ex-assessor do ministro da Defesa), Daniel James (ex-soldado britânico que trabalhava com o comandante da NATO no Afeganistão) e Jeffrey Paul Delisle (ex-oficial da Marinha do Canadá), que foram amplamente divulgados pela comunicação social.

Apesar destes episódios, os serviços secretos ocidentais, e também o SIS, mantêm há largos anos relações oficiais com as secretas russas. Em Portugal, segundo apurou a SÁBADO, tudo começou quando Rui Pereira dirigiu o SIS (1997/2000) e tinha como adjunto Júlio Pereira.

Sobre o caso particular de Carvalhão Gil, a NATO limitou-se, em 2016, a confirmar que o espião do SIS tinha estado presente em três exercícios de gestão de crises (2009/12), que acedera a material "NATO Secreto" (o ter-

Segurança

Os computadores dos espíões que estão na sede do SIS funcionam em circuito fechado e sem acesso à Internet

2017 Passaporte

As autoridades italianas recusaram mandar para Portugal a cópia do passaporte do espião russo

CARVALHÃO NÃO FOI CONDENADO POR NEGLIGÊNCIA, TINHA VÁRIOS DOCUMENTOS CONFIDENCIAIS

ceiro grau mais importante da escala de classificação de sigilo), que Sergey Pozdnyakov estava referenciado, já antes de Novembro de 2015, como "fazendo parte dos Serviços de Informações russos ("no entanto não podemos fornecer mais pormenores") e que o *modus operandi* que a PJ fornecera sobre a alegada abordagem do russo a Carvalhão Gil era "totalmente consistente com o que reconhecemos como *tradecraft* operacional [técnicas e procedimentos típicos do mundo da espionagem] por parte dos serviços de informações russos".

A acompanhar esta citação, a NATO enviou à PJ dois outros documentos intitulados "*Modus operandi e tradecraft* dos SVR" e "*Modus operandi-Tradecraft*". Trata-se de dicas pouco elaboradas sobre a caracterização da actuação dos espíões russos, os seus alvos, o tipo de pagamentos que fazem, a informação que procuram e as técnicas usadas como as *dead letter boxes* (um local secreto de encontro). "Normalmente os encontros dos SVR com os seus agentes são previamente combinados e têm lugar a intervalos regulares (mensais, trimestrais, etc.) e, de uma forma geral, não ocorrem consecutivamente no mesmo país, embora tal permaneça uma possibilidade", concretizava um destes relatórios. A NATO deixou um exemplo que detectara, sem pormenorizar onde: um espião "gestor encontrava-se com o agente quando este viajava para os locais de encontro, quer em negócios quer em férias".

A OPERAÇÃO

A DETENÇÃO EM ITÁLIA E A GUERRA COM O JUIZ

O MP e a PJ sempre acreditaram que Carvalhão Gil entrou em roda livre no SIS até se tornar um traidor que recebia há anos dinheiro dos russos, a troca da cedência de documentos que seria quase impossível apurar em toda a sua extensão. E os alegados dados confidenciais ou secretos teriam passado por contas de correio electrónico controladas pelo espião português. Entre os sete *emails* pessoais identificados no processo e que foram todos cedidos pelo SIS à PJ (um deles registado na Rússia) houve três que tiveram desfechos surpreendentes: provou-se que um era de um colega espião do SIS, outro tratava-se do endereço electrónico oficial do *franchising* Bifanas de Vendas Novas e um terceiro de uma empresa privada a quem Carvalhão tinha pedido informações, ou seja, seria um *email* de destino.

A 4 de Janeiro deste ano, durante o testemunho que durou cerca de 1h27m, Carvalhão Gil abordou também a questão dos *emails* perante o colectivo de juizes da 14ª Secção do Juízo Central Criminal de Lisboa.

Juiza-presidente Alexandra Veiga (AV): "É que mais é que sr. dr. queria referir, mais alguns assuntos?"

Carvalhão Gil (CG): "Sim. Ah! Os tais *emails*, os tais *emails* que a acusação..." [..]

AV: "Mas sr. dr., estes *emails* todos são seus ou não? Tem estes endereços electrónicos todos? (...) e agora o bifanasvendasnovas?"

CG: "O bifanasvendasnovas, se o Serviço tivesse feito..."

AV: "Calma... é seu ou não?"

CG: "[Riso] eu acho, srª drª, que isto é importante [..]"

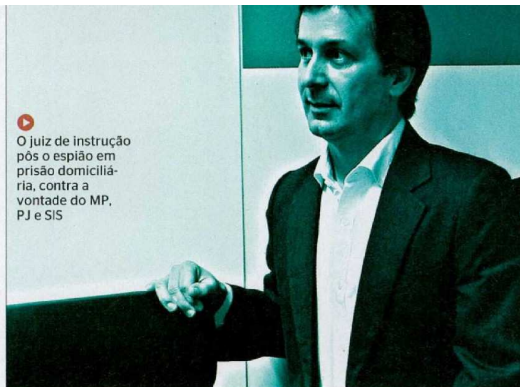
Se tivessem metido esse no motor de busca Google, eles sabiam de quem era.”
 AV: “Hum... hum...”
 CG: “Não é meu, é das Bifanas, não é?”
 AV: “É o Língua Russa?”
 CG: “Se tivessem feito a mesma operação, também sabiam que era de uma instituição que dá aulas de língua russa e que faz traduções.”
 AV: “Então, mas porque é que estava lá consigo?”
 CG: “Não sei se estava comigo... eles [SIS e MP] dizem que estava comigo.”
 AV: “Nunca utilizou este *email* nem para mandar coisas?”
 CG: “Usei para pedir, para pedir informações sobre cursos.”
 AV: “Para pedir informações sobre cursos? De quê?”
 CG: “De língua russa *online*. Aliás, eu vou ter oportunidade até de mandar, através do meu advogado...”
 AV: “E porque é que queria aprender russo?”
 CG: “Porque tenho interesse na língua.”
Juiz adjunto Rui Coelho: “Aquele que disse que não era seu, o bifanasvendasnovas.”
 CG: “Eu não posso garantir, que a memória também não é assim..., eu penso que a certa altura pedi informações sobre um *franchising*.” [...]

Durante o julgamento, muitos indícios recolhidos pela PJ (e pelo SIS) e elencados na acusação pelo MP caíram por terra. Mas os juizes não tiveram dúvidas sobre aquilo que sucedeu na viagem do espião a Roma, iniciada na manhã de 20 de Maio de 2016, que levou à detenção em Itália de Carvalho Gil e do russo Sergey Pozdnyakov. Sete dias antes da viagem de avião, os inspetores da PJ começaram a perceber que isso iria acontecer em breve através das escutas que iam ouvindo e das informações que obtiveram do SIS sobre um novo período de férias marcado pelo espião. Aliás, conforme contou ao juiz Ivo Rosa depois de detido, Carvalho chegou a imprimir no computador de serviço da secreta (que usava também para pagar contas de luz e água)

O destino do espião

O processo 1.028/15 foi julgado na 14ª Secção do Juízo Central Criminal de Lisboa

As sessões do inquérito decorreram entre 23 de Novembro de 2017 e 23 de Fevereiro de 2018 (leitura do acórdão). O colectivo de juizes foi formado por Alexandra Veiga (presidente), Rui Coelho e Sílvia Costa. O Ministério Público foi representado pela **procuradora** Cristina Janeiro. Apesar de debilitado por uma operação recente, o espião Carvalho Gil não falhou nenhuma das 10 sessões e acabou condenado por espionagem e corrupção. Já recorreu.



O juiz de instrução pós o espião em prisão domiciliária, contra a vontade do MP, PJ e SIS

Os peritos

O SIS indicou dois especialistas para analisar os documentos confidenciais apreendidos ao espião



O dinheiro

Carvalho Gil tinha em casa milhares de euros em notas, em envelopes. Não ficou provado que eram pagamentos

O SIS ESTABELECEU RELAÇÕES COM AS SECRETARIAS RUSSAS QUANDO RUI PEREIRA ERA DIRECTOR

o local onde iria encontrar-se em Itália com o russo.

Mas só a 18 de Maio é que o inspetor Pedro Camarinha formalizou por escrito o que queria urgentemente do MP: a emissão de um mandado de detenção europeu e uma carta rogatória dirigida às autoridades italianas. Para deterem ou simplesmente vigiarem, filmarem ou fotografarem o português, sobretudo caso se verificasse um contacto com o oficial da secreta russa. E era fundamental que tudo fosse acompanhado por inspetores da PJ no local. Caso se confirmassem as suspeitas, em Portugal, ocorreriam também buscas às residências e ao carro de Carvalho Gil (como sucedeu). No dia seguinte, o MP despachou o pedido (acompanhado da foto do espião russo e da sua identificação), que chegou a Itália na véspera da viagem e ainda do jantar de 19 de Maio que Carvalho teve com um ex-director adjunto do SIS (apesar da vigilância apertada da PJ, o dado não consta do processo).

Na madrugada de 20 de Maio, Pedro Prata (coordenador) e os inspetores Pedro Camarinha e Sylvie Dias apanharam um avião para Itália, ainda antes de o espião entrar no voo 2097 da Ryanair para Ciampino, um antigo aeroporto militar que fica nos arredores de Roma. Já com forte dispositivo de vigilância policial montado à espera, o voo aterrou às 15h05. Carvalho apanhou um autocarro e, posteriormente, um comboio, até chegar ao Hotel Conilia, onde se hospedou no quarto 519. Levava apenas uma mochila e pagou logo as duas pemoitas em dinheiro.

Num outro aeroporto mais próximo do centro de Roma – Fiumicino – aterrara horas antes o voo de Moscovo que transportara Sergey Pozdnyakov, nascido a 26 de Março de 1969 e detentor de passaporte diplomático. O russo instalou-se no quarto Botticelli do Barberini Suites, um pequeno hotel clássico com nove quartos a cerca de 200 metros da Via Veneto. Nesse dia, os dois espiões não se cruzaram. Depois de sair do hotel para jantar nas imediações, no restaurante Il Fagianetto, Carvalho Gil regressou ao quarto e só voltou a sair no dia seguinte, às 10h20. Dirigiu-se ao metro, apanhou a linha B e saiu na estação Piramide, onde iniciou um percurso a pé (fotografado pela polícia italiana com telemóveis iPhone) que o levou à esplanada de um café. Saiu 20 minutos depois e caminhou até entrar num bar. Ficou lá até às 12h15.

Depois, foi ao mercado local, por onde deambulou durante 25 minutos. A PJ acha que tudo isto foram manobras de contravigilância. Depois de detido, Carvalhão disse não ter feito qualquer acção premeditada, mas o tribunal acreditou nos testemunhos dos inspectores. Após sair do mercado italiano, Carvalhão Gil atravessou outra vez a Ponte Testaccio, passou em mais um par de ruas e estancou a marcha na Via Carlo Porta, onde encontrou e cumprimentou o espião russo. Os dois seguiram a pé até entrarem no Number One Caffè. De fora do estabelecimento, os polícias italianos e portugueses observaram a "conversa animada" dos dois suspeitos e as trocas que se seguiram. Foi novamente tudo fotografado e mais tarde junto ao processo após muita insistência das autoridades portuguesas. No café, Carvalhão escreveu em várias folhas de papel e deu-as ao russo. Sergey entregou-lhe "algo".

A apreensão em flagrante

A polícia não percebeu logo o que era, mas não esperou mais: deteve-os de imediato e depois encontrou na posse do espião russo uma folha A4 com a seguinte frase: "Declaro recebi [sic] 10.000 (dez mil euros), 21 de Maio de 2016 – Francisco [Carvalhão disse no processo que assinou assim por... brincadeira]." Na posse do português estava o "algo": um saco plástico branco fechado, tendo no interior uma garrafa de *whiskey* escocês da marca Haig Club e 10 mil euros, em notas de 100, fechados num envelope de papel. O espião português tinha ainda 19 fotocópias, entre elas cinco folhas em língua inglesa, com a parte inferior rasgada, e "aparentemente classificadas NATO Confidencial". Estavam dentro de um livro na mochila e as autoridades portuguesas garantem que só não as entregou porque foi detido. Isto apesar de o inspector Pedro Camarinha ter escrito, a 6 de Junho, que Carvalhão e o russo foram abordados quando se encontravam "reunidas todas as condições".

Os três juízes, que condenaram já este ano Carvalhão, alinharam na versão dos investigadores: "Relativamente à negação do arguido que tivesse tal documento na mochila para entregar a Sergey Pozdnyakov, o tribunal colectivo de juízes não considerou credível." No julgamento, o espião não conseguiu convencer a juíza Alexandra Veiga.

AV: "Falta aquilo que tinha intenção de falar,

A JUDICIÁRIA FEZ VARRIMENTOS ELECTRONICOS PARA DETECTAR OS TELEMÓVEIS DO ESPIÃO

O primeiro-ministro António Costa desclassificou várias informações para avançar a queixa-crime

falta o documento em Itália não entregue... se quiser falar sobre isso."

CG: "Ah! O documento que eles [MP e PJ] dizem que eu não entreguei porque houve uma intervenção prematura da polícia italiana. É curioso, como poderia haver uma intervenção prematura quando o relatório de vigilância diz que estavam reunidas as condições para a intervenção. Eu levei o documento para ler!"

AV: "[...] Isso o sr. dr. já disse no primeiro interrogatório. Mas o que eu acho, acho estranho, quero dizer, uma pessoa que está a ouvir isto pela primeira vez é, sendo um documento desses, andar assim no bolso como uma pessoa responsável como o sr.? Que tem tantos anos de serviço [...]. Qual a explicação? [...] Ainda por cima no estrangeiro, se ainda o levasse no bolso para o levar para casa..."

CG: "A srª drª, se tiver curiosidade histórica, se ler o jornal *Independente* de há uns anos, um director do serviço perdeu uma pasta com documentos na recepção de um hotel, no estrangeiro."

AV: "Pronto, está bem, mas não é isso que eu estou a dizer. Não estava no hotel, estava no seu bolso. [...] Não quer dizer que esse sr. que deixou a pasta no hotel também tivesse feito bem." [...]

CG: "Eu não estou a dizer que ele fez bem." [...]

AV: "Uma coisa é prevaricar as regras do Serviço (...), outra coisa é... que dizer... imagine o sr. dr. tinha levado (tem sido esta a sua defesa), para tomar as suas notas, para estudar o documento... aliás, o documento, pelos vistos, pelo que aqui foi dito, o sr. dr. dirá se corresponde à verdade ou não, nem sequer é um documento integral, era com partes. Pronto, se calhar as partes que lhe interessava estudar, não interessa... então, leva-o assim pelas ruas de Itália dentro do bolso?"

CG: "Levei efectivamente, com a possibilidade de o perder..."

AV: "Ir ao café encontrar-se com um cidadão russo e o documento continua dentro do bolso?"

CG: "É verdade! Eu tinha-o no bolso. Não é no bolso, é na mochila. [...]"

AV: "Estive sempre a dizer no bolso. Não sei porquê. Peço desculpa."

CG: "Dentro de um livro, dentro da mochila. [...]"

AV: "Uma pessoa com os seus anos de experiência, com os seus anos de responsabilidade, que até tem sido aqui identificado como tal, como é que faz uma coisa dessas? Que explicações encontra?"

CG: "Erros todas as pessoas cometem, já dizia a minha avó. Às vezes, as pessoas



▀ não é por serem mais velhas que cometem menos erros.”
 AV: “Mas por serem mais experientes devem cometer menos erros.”
 CG: “Pois, mais experientes cometem outros erros, pronto!”
 AV: “Pronto, porque os inexperientes cometem erros por ignorância.”
 CG: “Sr^a dr^a se o documento fosse para entregar estava na mão do Sergey. Não é quando uma pessoa se está a despedir, no final do encontro, que o papel que vão encontrar é para entregar seja lá a quem for.”

Detido em Itália até 5 de Junho de 2015, Carvalho Gil foi entregue a três inspectores da PJ no terminal 3 do aeroporto Fiumicino-Roma. Um deles era Pedro Camarinha, com o espião a queixar-se depois ao advogado José Preto que o inspector lhe teria dito durante a viagem que o melhor seria confessar de vez para as suas duas filhas não virem a ser importunadas. Quando chegou a Lisboa, foi transportado para a prisão de alta segurança de Monsanto, em Lisboa. Depois, o juiz Ivo Rosa autorizou a entrega de medicação para o tratamento de problemas cardíacos de que o espião sofre há vários anos.

Técnico da pulseira electrónica atacado
 Ao fim da tarde de 7 de Junho, Carvalho Gil foi interrogado pelo juiz do Tribunal Central de Instrução Criminal. Deu a explicação que tencionava fazer um negócio de venda de azeite com o russo e respondeu a perguntas durante lh06m. No fim, contra a opinião do MP, o juiz colocou-o em prisão preventiva com a possibilidade de ser cumprida em casa com pulseira electrónica. Não foi decretada a suspensão de funções do espião. Nas semanas seguintes, a guerra instalou-se entre o juiz, os procuradores, inspectores da PJ e espíões do SIS. Na primeira informação prévia da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) sobre a questão da avaliação das condições para a instalação do sistema da pulseira electrónica, a técnica Paula Barreiros escreveu que Carvalho era casado com uma georgiana que vivia fora do país e que “fonte contactada no SIS” lhe tinha manifestado “surpresa” pelo facto do espião não ficar na cadeia.
 O juiz não reagiu, mas isso já não se repetiu dois meses



▀ Na casa do espião, dentro desta mala, num roupeiro, estavam milhares de euros em notas



▴ Parte da apreensão feita em 2016 pela PJ em casa de Carvalho Gil. O dinheiro tem de lhe ser devolvido



O whisky
 Esta é a garrafa de whisky escocês que o agente russo deu em Itália a Carvalho Gil. Antes de serem os dois detidos

depois quando a PJ também se pronunciou por escrito sobre a situação. “Não compete aos órgãos de polícia criminal tecer comentários, como consta do relatório (...), sobre decisões judiciais, sobre a pertinência ou adequação das mesmas”, escreveu Ivo Rosa. Depois, ainda destacou que as autoridades policiais não tinham sequer ordens para controlar os acessos à habitação do espião.

Mas houve um episódio rocambolesco que quase fez perigar a prisão domiciliária, quando o espião foi levado a casa pela primeira vez por dois guardas prisionais. O relato ficou registado em mais um relatório interno da DGRSP enviado ao juiz de instrução. Por volta das 18h30 de 16 de Junho de 2016, e enquanto esperava no rés-do-chão por um dos dois pequenos elevadores do prédio do Lumiar (Carvalho já estava no apartamento acompanhado de um guarda prisional), o técnico Rui Fernandes foi surpreendido por um sujeito acabado de sair do elevador. “Num tom hostil e agressivo, exigiu que eu abandonasse o prédio [“Ponha-se a andar daqui para fora”, disse-lhe], não me permitindo sequer o acesso ao elevador”, relatou o técnico, dizendo que se manteve calmo, mas que acabou por ser agarrado pelo braço e empurrado para dentro do elevador enquanto o ameaçavam: “Vais levar um enxerto de porrada.” Nesses minutos, em que acabou por ficar encurralado no elevador “e sem testemunhas”, Rui Fernandes temeu o pior, mas lá conseguiu acalmar o homem dizendo que era “agente do Estado” e que só não lhe conseguia mostrar a identificação porque estava apertado no elevador e com as mãos ocupadas pelos equipamentos de vigilância electrónica.

Já no interior do apartamento do espião, o técnico relatou o ocorrido ao guarda prisional e a Carvalho Gil referindo-lhes que tinha sido quase agredido por alguém que acabara por dizer a custo que o confundira com um jornalista. Carvalho declarou não saber de quem se tratava, mas o guarda prisional contactou pelo rádio o colega que estava na rua, junto à carrinha celular. Este conseguiu encontrar o sujeito, identificou-o e ambos subiram ao apartamento: afinal era o advogado do espião, José Preto.

“De referir que o incidente ainda teve repercussões já no interior da habitação, devido ao mandatário do arguido ter desvalorizado o sucedido quando confrontado com o seu comportamento desajustado, o que veio a perturbar a serenidade da operação em curso”, especificou o técnico. Nos meses seguintes, sempre que avaliaram por escrito a forma como estava a decorrer a prisão domiciliária, os técnicos de reinserção social destacaram o comportamento exemplar do espião. E nunca mais mencionaram o advogado. ▀

O ESPÍÃO PORTUGUÊS ASSINOU “FRANCISCO” NUM PAPEL QUE DIZIA TER RECEBIDO 10 MIL EUROS